

AS CAIXAS ECONÔMICAS NA EUROPA E NO BRASIL

Getúlio Borges da Silva

Advogado

1. ORIGENS

Muitas são as razões apontadas como causas do surgimento da economia popular, inclusive aquela em que o ato de guardar para o futuro decorre do instinto de sobrevivência de diversas espécies de seres vivos. Ao utilizar a economia o homem estaria simplesmente repetindo os exemplos de insetos, como abelhas e formigas, que acumulam provisões na época de fartura para os dias incertos do futuro ou para a subsistência dos semelhantes doentes e recém-nascidos.

A história da humanidade registra como um ato de sabedoria as provisões feitas pelo homem nas épocas de fartura, tendo em vista as incertezas dos tempos futuros. A Bíblia Sagrada relata no Livro do Gênesis um dos casos mais conhecidos, protagonizado por José, servidor do Faraó no Egito. Antevendo um futuro sombrio aquele sábio serviçal teria acumulado vastos celeiros durante os sete anos de colheitas fartas e os utilizados, posteriormente, nos sete anos de colheitas fracassadas, para alimentar a fome da população do seu país e ainda socorrer a população dos países vizinhos.

A literatura de ficção e os estudos teóricos precederam a criação das caixas econômicas como instituições destinadas a promover a economia popular. No ano de 1726, o escritor irlandês, Jonathan Swift, publicou o livro *As Viagens de Gulliver*, uma sátira à sociedade inglesa e à civilização da época. Swift exaltava as idéias do personagem Pitt, o estadista do Reino de Lilliput, que

ensinava o seu povo a vencer as vicissitudes da vida por si mesmo, fazendo provisões.¹

No século XII registrou-se em Veneza a criação do primeiro banco que tomou dinheiro em depósito. Segundo Lyra Filho, os princípios que nortearam o surgimento dos bancos são diferentes daqueles que serviram de base para a criação das caixas econômicas, uma vez que estas teriam surgido como meio de defesa da população contra a usura enquanto que os primeiros bancos teriam nascido com o objetivo de proteger os portadores de volumosas somas de dinheiro contra o perigo dos salteadores.²

Para aliviar a população desses excessos infligidos pelos usurários, surgiram os Montes de Socorro (Espanha, 1431 e Itália, 1462)³, fundos financeiros formados a partir de coletas coordenadas por beneméritos das Igrejas com o objetivo de conceder empréstimos às pessoas que necessitavam de pequenas quantias para a sobrevivência diária ou para a compra de mercadorias ou utensílios para manter pequenas atividades econômicas.⁴

Desde os primeiros tempos os Montes de Socorro enfrentaram um sério problema: a insuficiência de recursos financeiros. A sua utilidade social era indiscutível, mas esses institutos mostravam-se incapazes de atender às necessidades de crédito da população porque dependiam da caridade das pessoas que faziam contribuições. Este fato permitiu que os usurários retomassem ou mantivessem as antigas posições.

Nas primeiras décadas do século XIX a Europa vivia sob o flagelo da fome. Era o resultado de inúmeras crises e guerras vividas pelo continente. Foi neste contexto social e econômico que nasceram e floresceram as caixas econômicas. A princípio na Alemanha e depois nos demais países.

Diferentemente dos montes de socorro que dependiam da caridade, as caixas econômicas surgiram como instituições formadoras de fundos individuais resgatáveis. O seu objetivo central era o mesmo dos montes de socorro, criar um meio de combater a pobreza e a mendicidade daqueles indivíduos incapazes

¹ Lyra Filho reproduz o seguinte trecho da obra de Swift: “no Reino de Lilliput, cada operário era obrigado a depositar uma soma subtraída do seu salário, para subvencionar a educação dos seus filhos” LYRA FILHO, João. **Crédito popular & caixas econômicas**, p. 215 e 216.

² In: LYRA FILHO, João. Op. cit., p. 31.

³ In: MURA, Jürgen (Org.). **History of European Savings Banks**, p. 11.

⁴ REZENDE, Astolpho. Op. cit. p. 8-10

de suprir, sozinhos, as próprias necessidades básicas e imediatas. Por isso se diz que as caixas econômicas foram o segundo estágio da história do crédito popular, subsequente e até subsidiário à experiência dos montes de socorro.⁵

Lyra Filho sustenta que a economia individual nasceu do instinto de auto-proteção dos povos primitivos que trabalhavam nos campos, enquanto a economia social ou economia popular teve sua origem na ação coletiva em favor dos interesses da comunidade, tendo como objetivos centrais resgatar a dignidade dos desvalidos, proteger os devedores contra a usura e educar o indivíduo para previdência.⁶

Oportunidade aos setores mais fracos da sociedade, educação da comunidade e provisão individual para o futuro, objetivos que estavam na gênese das caixas econômicas, ainda hoje continuam sendo a razão da existência destas instituições embora elas tenham mudado a forma de atuar ao longo da história.⁷

2. CONCEITO

A partir do século XVIII, duas idéias centrais – poupança popular e crédito popular – formaram a base sobre a qual foram organizadas as caixas econômicas. O novo tipo de empreendimento coletivo cativou homens e mulheres e congregou as energias de cidadãos, instituições civis e governantes. A sociedade civil participava através de instituições de benemerência e da ação voluntária de homens e mulheres de destaque nas comunidades; os governos agiam pela vontade de reis, ministros e prefeitos.

A vinculação histórica com as questões econômicas, sociais e culturais das comunidades onde estão instaladas, são marcas comuns das caixas econômicas em todo o mundo. As fortes relações com pessoas de baixa renda e pequenas empresas, assim como a parceria com os governos locais, são princípios que norteiam suas atividades desde que surgiram as instituições pioneiras na segunda metade do século XVIII.

Nos primeiros tempos, as pessoas prudentes seguiam os mesmos princípios da antiga fábula da cigarra e da formiga, estocando as sobras dos dias de

⁵ LYRA FILHO, João. Op.cit., p. 8.

⁶ Idem, p. 32

⁷ “Toma cuidado com as pequenas somas, advertiu Franklin, porque as grandes, por si mesmas, se encarregarão da sua guarda”. Idem, p. 32.

fatura como provisão para os dias incertos do futuro. Naquela época a economia não significava nada além de estocagem.

As caixas econômicas se distinguiram dos bancos tradicionais por algumas características básicas: dirigiam-se às classes populares, captando e aplicando pequenas economias; suas operações tinham um cunho educativo; não podiam distribuir lucros ou dividendos; os resultados positivos eram utilizados na formação e reforço de um fundo de reserva ou em novas operações de crédito.

A prática cotidiana forneceu aos estudiosos os primeiros elementos para conceituar o instituto das caixas econômicas. Embora tivessem natureza jurídica tanto pública quanto privada, eram consideradas instituições de interesse público. As caixas econômicas se tornaram um revolucionário instrumento de acumulação porque trouxeram para toda a sociedade uma possibilidade antes inexistente. Ao deixar o dinheiro fora do alcance dos ladrões, pagando juros, educava o indivíduo para a auto-suficiência financeira e patrimonial; ao fornecer crédito barato, servia à comunidade, fomentando as atividades produtivas e o desenvolvimento econômico e social.

Tendo por base tal ponto de vista, podem-se conceituar as caixas econômicas como instituições de interesse público que, constituídas sob os princípios empresariais, têm como finalidade o bem geral da população e o desenvolvimento econômico e social das nações, financiando as atividades produtivas e educando a população para os hábitos da poupança e despertando os indivíduos para a autodeterminação.

De acordo com Lyra Filho, as caixas econômicas são estabelecimentos que recebem as pequenas economias, devolvendo-as ao depositante, quando reclamadas, com juros a favor delas acumulados, constituindo-se, pois, na escola primária dos capitais do povo. Desenvolvendo no indivíduo o sentimento da responsabilidade e da propriedade, são um dos meios mais eficazes de combate à indigência e auxílio à moralização das massas, combatendo a preguiça e desviando os maus hábitos, fortalecendo os laços de família e a educação dos jovens.⁸

De Plácido e Silva apresenta a seguinte definição: uma organização financeira que tem como finalidade fomentar a poupança e o crédito popular, recebendo em depósitos as economias da população em geral, reaplicando-as em

⁸ LYRA FILHO, João. Op. cit., p. 200.

atividades econômicas e sociais do interesse da comunidade onde estão instaladas.⁹

3. EUROPA: OS PRIMEIROS INSTITUTOS

Embora tenham se tornado empreendimento de sucesso em quase todo o mundo, inclusive nos Estados Unidos, foi na Europa Ocidental, onde elas nasceram, que a presença das caixas econômicas constituiu-se num fator determinante do progresso econômico e social.¹⁰ A primeira caixa econômica foi oficialmente instituída na cidade de Hamburgo, na Alemanha, no ano de 1778.¹¹ A partir desse marco histórico uma evolução extraordinária tornou este movimento um fenômeno de proporções universais. Mas assim como nos primeiros tempos, ainda hoje, é na Europa que as caixas econômicas têm maior peso e representatividade.

A Alemanha, além de berço formal das caixas econômicas, foi o país onde elas mais se desenvolveram ao longo dos últimos duzentos anos. Frutos de iniciativas de associações civis filantrópicas, as primeiras caixas econômicas tinham como propósito reduzir a miséria, educando as classes pobres e criando oportunidade para cada indivíduo cuidar de si próprio. Aquelas experiências pioneiras tornaram-se exemplos tão significativos que os governos municipais, regionais e até o governo federal acabaram encampando a idéia.

O amplo envolvimento da nação alemã, desde a sociedade civil até os governos em todos os níveis, fez a história das caixas econômicas confundir-se com a história do próprio país, desde o século XIX passando pela Primeira Guerra Mundial, hiperinflação de 1920/1923, crise bancária de 1931 e o advento do Nazismo em 1933. Ao final de cada um desses eventos havia como que um renascimento das caixas econômicas, mais fortes e mais dinâmicas, rea-

⁹ Idem, p. 276-277.

¹⁰ Segundo Max Weber, no estudo de qualquer problema da história humanidade, sempre será possível em contrar fenômenos culturais europeus caracterizados por uma aceitação *universal* em seu valor e significado, ao contrário da Ásia e Oriente Próximo, que embora tenham desenvolvido muitas atividades humanas nunca conseguiram dotá-las desse caráter *universal*. Aponta como exemplo de atividades jamais existentes em qualquer outro lugar – mas, criados e sedimentados no Ocidente, espalharam-se pelo mundo – “a organização capitalista racional assentada no trabalho livre (ao menos formalmente)”. In: WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**, p. 2-7.

¹¹ MURA, Jürgen. Beginnings of the Savings Banks System. In: MURA, Jürgen (Org.). Op. cit., p. 106.

lizando novas operações. Por exemplo, ao final da Segunda Guerra Mundial, apesar das grandes perdas materiais e humanas elas iniciaram a reconstrução da sua organização com uma grande reforma que permitiu novos negócios e ajudou no financiamento da reconstrução da Alemanha.

O século XXI recepcionou as caixas econômicas alemãs mais poderosas ainda: formam um complexo grupo financeiro autodenominado *Finanzgruppe*, composto por 594 caixas econômicas locais e regionais, cerca de 20 mil agências e empregam em torno de 320 mil pessoas,¹² estão presentes em localidades com menos de 10 mil habitantes e respondem por cerca de 36% do crédito bancário da Alemanha. São organismos influentes junto ao governo alemão na formulação das políticas monetária, econômica e bancária.

Na Itália, o flagelo da fome, que assolou grande parte do seu território no período posterior às Guerras Napoleônicas (1816 a 1817) foi fator decisivo para o surgimento das caixas econômicas.¹³ A cidade de Milão foi a primeira a criar a sua caixa econômica (*Cassa di Risparmio delle Provincie Lombarde - CARIPLO*), com objetivo de coordenar medidas para a superação da crise, dentre estas a viabilização de crédito para artesãos, operários e pessoas em geral¹⁴.

A experiência de Milão foi seguida e até aperfeiçoada em muitas outras regiões da Itália, merecendo destaque dos estudiosos o trabalho das caixas econômicas de Parma, Bolonha e Pádua, entre outras. Sistemas eficientes combinavam de pontos de captação de poupança e variados canais de crédito, revolucionários programas de educação e assistência técnica, em especial para a população rural. As caixas econômicas italianas promoveram uma extraordinária modernização na agricultura, ainda hoje reconhecida pela qualidade dos seus produtos, especialmente no setor de laticínios.¹⁵

Os demais países europeus ocidentais que hoje formam a União Europeia, repetiram os exemplos da Alemanha e da Itália, com a criação e desenvolvimento de sistemas de poupança e empréstimo popular, os quais, invariavel-

¹² WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE AND THE EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. **Savings Banks: a Strong Support for the Regions a German Experience**. Brussels: Perspectives, n. 37, 25 fev. 2000. 28p.

¹³ Idem, p. 193-194.

¹⁴ HERTNER, Peter. Italy. In: MURA, Jürgen (Org.). Op. cit., p. 193-194.

¹⁵ ROCHA, op. cit. p. 124 a 125.

mente tinham as caixas econômicas como instituições condutoras do processo. Em alguns países o patrocínio era estatal, enquanto em outros as caixas econômicas foram criadas pela sociedade civil.

Agentes econômicos ativos nos últimos duzentos anos de vicissitudes, tragédias e progressos dos países europeus, as caixas econômicas vêm sendo afetadas fortemente nas últimas décadas pelo afã liberalizante trazido pela globalização. O novo momento histórico permitiu aos bancos em geral a ampliação da área geográfica de atuação, a integração dos mercados e a criação do “banco universal”, um novo modelo de banco que realiza todo e qualquer tipo de operação financeira. As caixas econômicas foram gradativamente sendo equiparadas aos demais bancos, resultando daí, algumas conseqüências como o aumento da dimensão organizacional, necessidade de maiores recursos próprios, diversificação nas operações financeiras e uma concorrência muito acirrada.

Estudo da Universidade de Walles, no País de Gales, demonstra que embora na maioria dos países as caixas econômicas tenham uma performance muito semelhante aos bancos, há um diferencial entre estes dois tipos de instituições financeiras. As caixas econômicas têm uma atuação marcante em áreas de interesse social como meio-ambiente, artes, cultura, saúde, educação e treinamento e financiamentos habitacionais, mantendo, assim, os objetivos dos primeiros tempos, estímulo ao hábito da poupança; desenvolvimento da economia local e regional, financiamento dos pequenos negócios e financiamento de serviços públicos essenciais.¹⁶

4. BRASIL: UM SÉCULO E MEIO DE HISTÓRIA

Diferentemente da Europa, no Brasil as primeiras caixas econômicas, instituídas na década de 1830, eram empresas privadas com o objetivo de auferir lucros e dividendos para os seus controladores. Somente no ano de 1861, o Imperador D. Pedro II editou lei criando a Caixa Econômica da Corte, tendo por objetivos o estímulo à formação de poupança individual e a concessão de pequenos empréstimos a juros módicos¹⁷. Em 1874 foram criadas as caixas

¹⁶ MENAGEMENT REPORT. *Challenges and the Future of Savings Banks in the Single Financial Market of the EU*. Bangor: Intitute of Europeuan Fianance. University of Wales. p. 18, 180 e 195-205.

¹⁷ SILVA, De Plácido. Op. cit., p. 5-15 e ROCHA, Alfredo. Op. cit., p. 20-40.

econômicas das províncias, mais tarde conhecidas como Caixas Econômicas Federais dos Estados. Como tinham a mesma finalidade da Caixa Econômica da Corte, eram muito limitadas na sua atuação como instituições financeiras. E assim permaneceram até a década de 1930, ou seja, por cerca de 70 anos.

A grande virada na história das caixas econômicas brasileiras somente ocorreu com a Revolução de 1930, quando foram autorizadas a realizar novas operações, como por exemplo, crédito em consignação e financiamentos hipotecários, até então permitidos apenas a certos bancos comerciais.

Na década de 1960 ocorreu a segunda grande reforma das Caixas Econômicas Federais, com a criação de uma única instituição para substituir as vinte e duas autarquias então existentes. O Brasil vivia as conseqüências da industrialização e da migração da população para as cidades, cenário que trouxe fortes mudanças, na economia, na administração do Estado e¹⁸ nas velhas Caixas Econômicas Federais. Em 1969 foram extintas as vinte e duas autarquias federais, que tinham jurisdição nos respectivos estados, e criada uma única empresa pública federal, com jurisdição em todo o território nacional.¹⁹ A nova empresa assumiu importantes atribuições, como, atuação forte no mercado bancário, agente do Sistema Financeiro da Habitação e administração de serviços delegados pelo Governo Federal.

Nas décadas seguintes a CAIXA consolidou o seu papel como agente de políticas públicas em três segmentos importantes: mercado financeiro, desenvolvimento urbano e serviços delegados pelo Governo Federal.

5. A FUNÇÃO SOCIAL DAS CAIXAS ECONÔMICAS

As idéias que deram origem às caixas econômicas partiam de pressupostos que valorizam o ser humano: (a) as pessoas, mesmo as mais pobres, aspiram ir ao encontro do bem-estar (*welfare*); (b) cada indivíduo, mesmo em situação difícil, é capaz de assumir a responsabilidade pela própria ascensão na pirâmide social, se tiver acesso a algumas condições básicas.

Aqui aparece a distinção básica entre as caixas econômicas e os bancos tradicionais. De maneira geral, estes últimos têm como objetivo a realização de

¹⁸ In: MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito administrativo brasileiro**, p. 627-628.

¹⁹ In: **BRASIL. Decreto-Lei nº 759, de 12.08.1969**. Autoriza o Poder Executivo a constituir a empresa pública Caixa Econômica Federal e dá outras providências. Publicado no Diário Oficial da União, em 13 ago. 1969.

negócios financeiros com os indivíduos, proporcionando os melhores resultados, mas sem levar em conta, necessariamente, a coletividade. Diferentemente, as caixas econômicas têm como objetivo primordial o bem estar da coletividade, partindo da educação e do desenvolvimento do indivíduo.

Estudos como o do conceituado Instituto Europeu de Finanças, dizem que as caixas econômicas têm duas funções primordiais: a econômica e a social. A primeira, exercida no interesse do indivíduo poupador, é a mais conhecida função das caixas econômicas, consubstanciando-se no auxílio à formação de “pequenos capitais”. A segunda, exercida no interesse coletivo, consubstancia-se na formação de fundos, resultantes dos pequenos capitais poupados pelos indivíduos, para financiar atividades públicas e privadas que tenham por objetivo a melhoria das condições econômicas e sociais da população.²⁰

No início do século XX, quando ninguém havia falado em globalização de mercados, Rocha escreveu: “Podem-se inventar todas as combinações imagináveis, com ou sem intervenção do Estado; todas serão inúteis, nulos ou prejudicados serão os resultados, desde que para sustentá-los não intervenha a força poderosa da economia popular que se encaminha espontaneamente para aquelas instituições cujos intuítos não são dominados pelo interesse, mas por princípios mais elevados da beneficência social, do bem comum”.²¹

Contraditoriamente, em nações pobres, como é o caso dos países latino-americanos vizinhos do Brasil, a história pouco ou nada registra a respeito de caixas econômicas.

É preciso que a discussão sobre a função social das caixas econômicas venha ao conhecimento da população em geral. A sociedade civil deve entender, com clareza, que crédito financeiro, decorrente da poupança popular, não se confunde com filantropia, assistencialismo ou caridade²².

A remuneração, tanto dos depósitos em poupança, quanto dos empréstimos gerados a partir da poupança popular, é vital para o sistema subsistir e atender às suas finalidades. Para isso a nação – população em geral, empresários e governo – deve ter como objetivo inarredável uma economia verdadeiramente estável, na qual as taxas de juros sejam justas o suficiente para remunerar

²⁰ MENAGEMENT REPORT. **Challenges and the Future of Savings Banks in the Single Financial Market of the EU**, p. 18, 180 e 195-205.

²¹ ROCHA, Alfredo. Op. cit., p. 224.

²² LYRA FILHO, João. Op. cit., p. 44.

as caixas econômicas pelos empréstimos concedidos e ainda compensar o pequeno poupador.

A função das caixas econômicas, portanto, reveste-se de alta complexidade, não se limitando a estimular o hábito da economia e à captação da poupança popular. Ela somente se completa quando ocorre o efeito multiplicador, mediante a circulação do dinheiro na economia local sob a forma de crédito.

Em suma, uma pequena conta de poupança, isoladamente, é semelhante a um elo perdido de uma forte corrente. Porém, quando essa reserva individual for somada a milhões de outras do mesmo tipo, formará um fundo poderoso, capaz de financiar as infinitas demandas econômicas e sociais de um país como o Brasil, imenso em área geográfica e denso em termos populacionais²³.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade vive momento sem paralelo na sua história, quando novas e velhas idéias a todo o momento são repensadas e superadas. O processo da globalização em marcha se faz presente em muitos lugares dos quatro cantos do mundo, mexendo e remexendo com organizações e pessoas. O passado é constantemente revisitado, rediscutido; vive-se um presente de incertezas; o futuro não mais imaginado como se fazia ante, mas é reinventado a cada instante no próprio presente.

Nesse ambiente de extrema mutação poucas organizações conseguem sobreviver, mas as caixas econômicas ainda se destacam como instituições que se mantêm ativas.

A chamada universalização dos serviços bancários – na qual todos os bancos fazem de tudo – eliminou as diferenças entre as instituições. Produtos e serviços padronizados e universalizados tornam a concorrência muita acirrada, de modo que o cliente faz a sua opção analisando pequenos detalhes, como tecnologia, qualidade de atendimento e parceria.

Nesse contexto, gestão moderna e atualização tecnológica são pressupostos de sobrevivência. Para tanto, as instituições precisam de redes nacionais, parcerias internacionais, prestação de sofisticados serviços financeiros com alta performance de resultados.

²³ **Resolução CMN nº 2.707, de 30 de março de 2000.** Dispõe sobre a contratação de correspondentes no País. <http://lira.bcb.gov.br/>. Acesso em: 09 jan. 2002 e BRASIL.

Não obstante as mudanças tecnológicas, estruturais e de natureza jurídica, as caixas econômicas têm como desafio manter aquela base essencial de produtos e serviços em áreas com alta demanda social, como educação, geração de empregos e desenvolvimento social. A clientela foco, localizada naquela camada da população com renda mais baixa, embora seja cada vez mais carente de recursos, hoje é mais exigente em termos de diversidade, qualidade e preços dos serviços.

Para responder a esses desafios, resultantes de demandas tão díspares como o social e o financeiro, é preciso modernizar as estruturas, os sistemas de gestão e oferecer serviços com alta tecnologia. Ganhos de escala, eficiência, eficácia e redução de custos são palavras de ordem em todas as organizações.

Contudo, o diferencial competitivo das caixas econômicas continua sendo a identidade de valores morais e culturais com as comunidades e parceria na realização dos sonhos das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BAUMAN, Renato (Org.). **Mercosul: avanços e desafios da integração.** Brasília: IPEA/CEPAL, 2001. 479p.

BRASIL. **Constituição 1988: Texto Constitucional de 5 de outubro de 1988 com alterações.** Edição 2006. Brasília: Senado Federal, 512p.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 759, de 12 de agosto de 1969.** Autoriza o Poder Executivo a constituir a empresa pública Caixa Econômica Federal e dá outras providências. <http://www.senado.gov.br/servlets/NJUR.../>. Acesso em: 19 jan. 2001.

BRASIL. Resolução do Conselho Monetário Nacional nº 2.707, de 30 de março de 2000. **Dispõe sobre a contratação de correspondentes no País.** <http://lira.bcb.gov.br/acesso> em: 09 jan. 2002.

BRASIL. **Circular do Banco Central do Brasil nº 2.978, de 19 de abril de 2000.** Dispõe sobre os procedimentos relativos à instrução de processos e à remessa de informações relacionadas com a contratação de correspondentes no País. <http://lira.bcb.gov.br/acesso> em: 09 jan. 2002.

- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Revista das Caixas Econômicas Federais**, Rio de Janeiro: Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, nº 25, jul./ago. 1953.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Relatório Anual Caixa 1999**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 42p.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Relatório Anual Caixa 2000**. Brasília: Caixa Econômica Federal, 40p.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Portfólio-Lista de Produtos**. Brasília: Caixa Econômica Federal. <http://portfolio.caixa/sistema/consulta/ListaProdutos.asp>. Acesso em 6 abr. 2001.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Jornal da Caixa**. Brasília, nº 97, Caixa Econômica Federal, dez. 2001.
- EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. **Annual Report 2000 (List of members)**. Brussels, 2000, 42p.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 8. ed. São Paulo: Globo, 1989, v. I e II. 750p.
- GARDENER, E. P. M. **Tres Análisis sobre Cajas de Ahorros y Sistema Financiero**. Madrid: Fundación de las Cajas de Ahorros Confederadas, 2001. 207p.
- GROUPE CAISSE D'EPARGNE. **1998 Annual Report**. Paris, Centre National des Caisses d'Épargne et de Prévoyance, 1998. 60p.
- HENRIQUE, João. **As caixas econômicas sob o impacto da legislação fragmentária**. Rio de Janeiro: Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, 1956. 106p.
- LYRAFILHO, João. **Crédito popular & caixas econômicas**. Rio de Janeiro: Typografia Alba - Moreira, Cardoso & Freitas, 1936. 382p.
- MARTINS, Paulo. **Caixas Econômicas do Brasil – comentários**. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Cia., 1926. 163p.
- MENAGEMENT REPORT. **Challenges and the Future of Savings Banks in the Single Financial Market of the EU**. Published by: Institute of European Finance, University of Wales, Bangor, UK [s.d.].
- MURA, Jürgen (Org.). **History of European Savings Banks**. Stuttgart: Deutscher Sparkassenverlag GmbH, 1996. 320p.

- MURA, Jürgen (Org.). **History of European Savings Banks II**. Stuttgart: Deutscher Sparkassenverlag GmbH, 2000. 376p.
- OLIVEIRA, João Gualberto de. **Caixas econômicas: economia e história**. 2. ed. São Paulo: [s.n.], 1954. 347p.
- PAMPILLÓN FERNÁNDEZ, Fernando. **Las Cajas de Ahorros de la CE: Evolución y Perspectivas Futuras**. Madrid: Uned, 1994. 526p.
- PASOLD, Cesar Luiz. **A função social do estado contemporâneo**. Florianópolis: Ed. do Autor – Co-edição Ladesc, 1984. 77p.
- SEITENFUS, Ricardo Antonio da Silva. **Manual das organizações internacionais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.
- ROCHA, Alfredo. **As caixas econômicas e o crédito agrícola**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. 383p.
- SAUNDERS, Anthony. **Administração de instituições financeiras**. Tradução de Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Editora Atlas, 2000. 663p.
- SILVA, De Plácido e. **As caixas econômicas federais: sua história, seu conceito jurídico, sua organização, sua administração e suas operações autorizadas**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1937. 513p.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11. ed. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi Tamas e J. M. K. Szmrecsanyi. São Paulo: Livraria Pioneira, 1996. 233p.
- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE - WSBI. <http://www.savings-banks.com/esbg/Pressrelease2000/PR2000-29June.htm>. Acesso em: 29 jun. 2000.
- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE. **Annual Report 1999**. Brussels: World Savings Banks Institute, 1999. 47p.
- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE AND THE EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. *The Joint Office of the*. **Opportunities and Challenges in an Enlarged Europe**. Brussels: Perspectives, n. 29, 30 abr. 1998. 60p.
- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE AND THE EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. **The Reform of the French Savings Banks**. Brussels: Perspectives, n. 33, 15 fev. 1999. 18p.

- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE AND THE EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. **Savings Banks: a Strong Support for the Regions a German Experience.** Brusells: Perspectives, n. 37, 25 fev. 2000. 28p.
- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE AND THE EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. **The Future of Retail Banking in: Europe: The Fortis View.** Brusells: Perspectives, n. 40, 25 jan. 2001. 16p.
- WORLD SAVINGS BANKS INSTITUTE AND THE EUROPEAN SAVINGS BANKS GROUP. **19th World Congress of Savings Banks: Think globally, act locally, cooperate internationally.** Brusells: Perspectives, n. 41, 25 fev. 2001. 95p.
- YUNUS, Muhammad. **O banqueiro dos pobres.** Tradução de Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Ática, 2001. 343p.